



Paraolimpíadas e atividade física para pessoas com deficiência



Será que os Jogos Paraolímpicos de 2016 irão estimular os portadores de deficiência a procurarem a prática orientada de atividades físicas? É um cenário para o qual temos que nos preparar.

As Olimpíadas de Pequim já tinham se encerrado, mas a população brasileira continuava a acompanhar o noticiário esportivo com olhos vidrados, unhas roídas e muita expectativa. O que atraía tanta atenção? A participação vitoriosa dos atletas brasileiros nos Jogos Paraolímpicos, realizados em setembro de 2008. O país todo vibrava a cada medalha conquistada por nossos atletas, e eles corresponderam o entusiasmo à altura: o Brasil encerrou a participação nas Paraolimpíadas em nono lugar no quadro de medalhas, um marco histórico.

Se a história de Pequim, em 2008, trouxe grandes legados para o esporte paraolímpico, a principal expectativa é que os Jogos Paraolímpicos de 2016, que serão realizados no Rio de Janeiro, amplie o alvo e possa estimular avanços não só no desporto paraolímpico, mas no campo da Educação Física Especial como um

todo. “É preciso fundamentalmente aproveitar o advento dos jogos para implementar no Brasil uma cultura esportiva, da atividade física, não somente de olho nas medalhas de ouro, mas em integração, educação e inclusão social”, analisa Andrew Parsons, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB).

Vamos vivenciar de muito perto os Jogos Paraolímpicos de 2016. A proximidade da competição, dos grandes atletas paraolímpicos e as marcas históricas que conquistarão, fará com que a demanda por prática de atividade física seja maior entre as pessoas com deficiência? Parsons acredita que sim. “Mais e mais pessoas com deficiência estão saindo de casa, motivadas pelo sucesso de atletas como Clodoaldo Silva, Daniel Dias, Lucas Prado, que servem de exemplos. Sentimos no dia a dia que mais e mais pessoas com deficiência estão buscando academias e orientação profissional para a prática de atividade física”, conta.

E é exatamente aí que entra o desafio para nós, profissionais de Educação Física: atender a essa expectativa. “A orientação para a pessoa com deficiência é muito importante, visto que ela obviamente carrega uma seqüela de um acidente ou de nascença. É mais danoso ainda para essas pessoas praticarem esporte sem orientação”, observa Parsons.

É claro que o atendimento à demanda pela prática da atividade física, por parte dos portadores de deficiência, ainda passa pela questão da própria acessibilidade do espaço determinado a essa prática, seja na academia, no clube ou em outro estabelecimento. Mas a capacitação do Profissional de Educação Física também é parte essencial para o acesso desse público a um setor que está em franca expansão, de acordo com Erinaldo Chagas (CREF 014709-G/RJ), secretário-executivo da Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE). “É um mercado de trabalho muito bacana que está em desenvolvimento, porém apresenta uma carência de profissionais capacitados. Fazemos cursos de capacitação, aparecem pessoas, mas o envolvimento delas é muito pequeno porque elas não conseguem perceber a capacidade que esse mercado tem em absorver”, avalia.

Para quem pretende se especializar na área, Erinaldo dá a dica: “Para trabalhar com o paradesporto, tive que me capacitar fora da faculdade, em instituições que trabalham com deficientes, em eventos voltados para os deficientes”. **EF**

